

## **NECROPOLÍTICA, MEMÓRIA E PODER: FACES DE UMA POLÍTICA DE OPRESSÃO SOB UM OLHAR DISCURSIVO**

Elaine Pereira Daróz<sup>1</sup>

lainedaroz@gmail.com

Maria Beatriz Ribeiro Prandi-Gonçalves<sup>2</sup>

biaprandi90@gmail.com

468

### **RESUMO**

Filiados à Análise do discurso de linha francesa (AD-Pêcheux), buscamos, neste trabalho, uma reflexão a fim de melhor compreender o modo funcionamento da ideologia na regularização de sobre tais práticas institucionais, tomadas aqui como traços marcantes do necropoder no âmago social. Para tanto, tomamos os estudos de Achille Mbembe acerca de Necropolítica, assim como os pressupostos aos pressupostos teórico-analíticos da AD, em especial no que concerne as noções de discurso e sujeito, ideologia e memória. Uma política macabra que visa à derrocada dos inimigos do Estado que vem desde o imperialismo colonial e perdura aos dias atuais, em suas diferentes facetas. Nessa perspectiva, Mbembe se mostra profícuo para a compreensão de como as fronteiras entre martírio e liberdade; sacrifício e resistência são ilusórias face à racionalidade desses “mecanismos” de (e para a) morte. Essas contribuições nos permitiram tecer uma reflexão acerca da lógica de produção e reprodução capitalista e, em particular, do neoliberalismo como a chave da contemporaneidade como uma reconfiguração da razão biopolítica do capitalismo. Dessa forma, a partir do nosso gesto de análise, podemos melhor compreender o modo de funcionamento da ideologia dominante, capitalista, que não apenas promove a exclusão de uma parcela da sociedade, como também nega a estes o direito à dignidade e, sobretudo à vida.

**Palavras-chave:** Necropolítica; Memória; Poder; Opressão; Análise do discurso.

### **1 INTRODUÇÃO**

*“Amanhã há de ser outro dia”*

Chico Buarque

A expectativa do Amanhã como um porvir promissor é notória em grande parte da população ao redor do mundo no decorrer dos tempos. No entanto, para apresentarmos as

---

<sup>1</sup> Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto (USP/FFCLRP) com apoio FAPESP (Prot. nº 2018/13017-2). Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF/CAPES/FAPERJ). Doutorado sanduíche Universidade Sorbonne Nouvelle, Paris 3 (CAPES). Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco e especialista em Informática na Educação pela Universidade Federal de Lavras-MG. Possui graduação em Letras - Português-Inglês pela Faculdades de Letras Dom Bosco.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Processos Culturais e Subjetivação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP, 2020). Mestra em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela FFCLRP/USP (2015). Especialista em Artes Visuais, Intermeios e Educação pelo Instituto de Artes da Universidade de Campinas (UNICAMP, 2013). Bacharela em Biblioteconomia, Ciências da Informação e da Documentação pela FFCLRP/USP (2011) e Pedagoga pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP, 2020).

questões aqui pertinentes em nosso artigo, urge-nos uma rápida “olhada” pelo retrovisor da história, em especial no que diz respeito ao imaginário, compartilhado por muitos, acerca do vindouro século XXI. Não raramente, as projeções eram de sucesso, prosperidade aos sujeitos do novo século. Os novos ares se mostravam, assim, como um marco de novas práticas aos sujeitos contemporâneos. Entretanto, no despontar desse século, o termo Necropolítica é o que ressoa no âmago de uma sociedade assolada por uma crise sanitária e, por conseguinte, uma crise econômica mundial.

Em meio a essa crise, inúmeras pessoas perderam (e ainda perdem) os seus entes queridos – pais, filhos, irmãos, amigos – sendo impedidos de homenagear os seus mortos devido à complexidade da Covid-19; uma doença causada pelo Coronavírus, responsável pela pandemia que parou o Brasil e o mundo em 2020. Embora o vírus não poupe ricos e pobres, países ditos desenvolvidos ou em desenvolvimento, observamos que, de um modo geral, a sua letalidade é maior nas populações mais carentes, assim como nos países onde a desigualdade é maior. Em nosso país não é diferente. Com uma grande parte da população com acesso muito restrito aos cuidados básicos de saúde pública – obtidos, geralmente, apenas em situações emergenciais – informações divergentes na mídia mais abrangente – como os canais abertos de TV – sobre as medidas de prevenção da Covid-19, além dos poucos recursos<sup>3</sup> para alimentação e manutenção da higiene básica, fundamentais para a contenção do vírus, nas famílias de baixa renda, a Covid-19 tem vitimado muitos brasileiros.

Os trabalhadores se angustiam a cada dia com o receio de perderem os seus empregos que, em sua maioria, operam em regime de *home office*. No entanto, há os micro-empresendedores, que viram a sua renda reduzir com os seus estabelecimentos fechados em função do isolamento social (*lockdown*) imposto pelo poder público a maioria das cidades brasileiras, como uma das medidas de combate ao Coronavírus recomendada, inclusive, pela Organização Mundial de Saúde (OMS) à população mundial, com base em estudos científicos resultantes de pesquisas de inúmeros países. Dentre os trabalhadores informais – ambulantes e outros – muitos já não conseguem o mínimo para a subsistência de suas famílias, em função do acesso restrito de transeuntes na cidade durante o tempo de isolamento social que perdurou aproximadamente três meses, com abertura gradativa dos setores comerciais na sociedade.

Nessa crise, o governo federal, na figura do então Presidente Jair Bolsonaro, não se furta de emitir declarações de menosprezo tanto às medidas de restrição como acerca da letalidade

---

<sup>3</sup> Para maiores informações, sugerimos uma consulta em:  
<http://www.caixa.gov.br/auxilio/PAGINAS/DEFAULT2.ASPX> Acesso em: 20 jul. 2020.

do vírus e o até então governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel<sup>4</sup>, promoveu o acirramento de medidas policiais, significadas como de combate ao tráfico no Estado do Rio, nas comunidades (favelas) cariocas.

Filiados à Análise do Discurso (AD) de linha francesa (Michel Pêcheux), buscamos, neste trabalho, uma reflexão a fim de melhor compreender o modo funcionamento da ideologia na regularização de/sobre tais práticas institucionais, tomadas aqui como traços marcantes do necropoder no âmago social. Para tanto, tomamos os estudos de Mbembe (2018) acerca de Necropolítica, assim como os pressupostos aos pressupostos teórico-analíticos da AD, em especial no que concerne as noções de discurso e sujeito, ideologia e memória. Consideramos que tais reflexões nos fornecerão maiores subsídios para um gesto de análise, que se seguirá, acerca de materialidades discursivas concernentes às questões aqui apresentadas.

## **2 COLONIALISMO E NECROPODER E(M) SEUS MOVIMENTOS DE DE-SUBJETIVAÇÃO**

Em seu livro *Necropolítica* (2018), o filósofo e pensador camaronês Achille Mbembe se debruça sobre um ensaio que questiona a soberania do Estado, o qual possibilita a decisão que vai aos limítrofes do ser humano, numa escolha de quem deve viver ou deve morrer numa sociedade. Nesse suposto exercício de soberania, a morte geralmente tem cara, cor e classe social: pobres e negros. Isso porque o necropoder tem os seus lugares privilegiados em que se exerce.

A noção clássica de soberania que visa à autonomia pautada na razão como elemento constitutivo, tendo a liberdade dos sujeitos um dos objetivos centrais nessa concepção. E é pautado numa concepção de soberania que Mbembe (2018) busca tratar as formas de soberania existentes ao longo da história, evidenciando o seu contraponto; o que o autor designa *Necropolítica*.

Mbembe (2018) compreende a soberania como a expressão máxima de poder sobre os cidadãos “matáveis” ou não<sup>5</sup>. Inserida num discurso sobre a modernidade, a soberania, num

---

<sup>4</sup> No dia 28 de agosto de 2020 o governador do Rio de Janeiro Wilson Witzel foi afastado do cargo pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) sob acusação de corrupção na área da saúde. De acordo com o website G1 Rio (2020), “durante a pandemia do novo coronavírus, Witzel prometeu erguer sete hospitais de campanha pelo estado ao custo total de R\$ 835 milhões. Apenas dois deles saíram do papel, no entanto. Este foi o ponto de partida das investigações na Secretaria Estadual de Saúde, a partir das quais surgiram as suspeitas de que o governador comandava um esquema de corrupção em seu governo”.

<sup>5</sup> Nos EUA, por exemplo, desde a morte de George Floyd (homem negro desarmado que foi enforcado por um policial branco em 25 de maio de 2020), mais de 7.750 manifestações estão associadas ao movimento *Black*

contexto global, pode ser concebida sob dois aspectos: instrumentalização generalizada da existência humana tendo em vista a destruição de populações; de seres humanos, portanto. Para tanto, o dito o estado de exceção torna-se uma arma potente para fomentar e legitimar ações execráveis em uma suposta normalidade, tendo como fundamento uma de-subjetivação do cidadão, possível pelo deslocamento da noção de sujeito para a noção de inimigo.

A população palestina sitiada, assim como acontece com demais guerras da contemporaneidade são, para o autor, uma forma bem-sucedida de necropoder em que populações são cercadas e condenadas à subserviência a estruturas fortificadas, sendo submetidas a critérios muitas vezes desumanos para a sobrevivência.

A necropolítica é, assim, uma política de Estado que privilegia a morte adotada com tipografias da crueldade, em detrimento de uma política pautada na investigação de inteligência, segurança, re-socialização e condições de vida a uma população que, de um modo geral, vive à margem do social e, muitas vezes, do humano.

Nos ditames do necropoder se encontra o binômio vida/morte, evidenciado não apenas na intervenção direta do Estado à ingerência da vida, ou da morte, de uma população determinada, como também se situa na convocação de supostos mártires que utilizam seus corpos como máquina mortífera em que o desejo de matar o seu oponente (inimigo) se funde com a necessidade de sua própria morte. Os mecanismos de resistência se confundem com a sobrevivência e se inscrevem na subjugação da vida à morte, ultrapassando até mesmo as fronteiras do terror e do humano. Uma política macabra que visa à derrocada dos inimigos do Estado que vem desde o imperialismo colonial e perdura aos dias atuais, em suas diferentes facetas. Nessa perspectiva, o ensaio de Mbembe (2018) se mostra profícuo para a compreensão de como as fronteiras entre martírio e liberdade; sacrifício e resistência são ilusórias face à racionalidade desses “mecanismos” de (e para a) morte.

### **3 DISCURSO, SUJEITO E IDEOLOGIA: ALICERCES PARA UMA PRÁTICA DE (R)EXISTÊNCIA**

Na abordagem discursiva, a resistência é constitutiva do sujeito, uma vez que, segundo Pêcheux (2010 [1975], p. 273) “não há dominação sem resistência: primado básico da luta de classes”. Isso porque, na perspectiva da análise do discurso de linha pêcheuxtiana, sujeito e

---

*Lives Matter* (vidas negras importam), o maior movimento de protesto da história norte-americana que luta justamente contra a “ideia” de que existe cidadãos “matáveis” ou não. (GUIMÓN, 2020).

sentidos se constituem mutuamente, visto que estão sempre no curso inerente ao processo discursivo. Nesse per-curso, a interpelação ideológica, desde-sempre lá, é condição indispensável para ser (e estar) sujeito no/do discurso (ALTHUSSER, 1970).

Em sua tese sobre a ideologia e os aparelhos do Estado, Althusser (1970) afirma que a interpelação ideológica se realiza por meio de filiações do sujeito discursivo a sentidos inerentes à ideologia dominante, por meio de processos de identificação, ou não, a esses sentidos. Para tanto, os aparelhos ideológicos do Estado – Religião, Família, Escola, Informação (que atualmente compreendemos como a Mídia em seus diversos níveis de circulação dos discursos) – são responsáveis pela reprodução/naturalização de determinados sentidos na esfera social. Por outro lado, os aparelhos repressores do Estado – Polícia, Forças Armadas dentre outros – são responsáveis pelo estabelecimento da Lei condizente com os interesses do poder vigente, ainda que seja pela coerção física. Acerca disso, de acordo com a reflexão de Daróz (2018), embora metodologicamente separados para uma melhor compreensão do seu funcionamento, esses aparelhos funcionam como forças centrípetas a fim de conduzir os sujeitos a responder os interesses da ideologia vigente.

Dentre os motes de campanha das eleições de 2018, tanto presidencial quanto para governadores, estavam fortemente marcadas a suposta luta contra a corrupção e a defesa de segurança pública para todos. Ao vencer as eleições, vimos no país um aumento exponencial de repressão letal no atual governo federal, sob a ingerência de Jair Bolsonaro<sup>6</sup>, assim como dos governadores João Doria<sup>7</sup>, São Paulo, e Wilson Witzel, Rio de Janeiro. A política de confronto – ou de abate, como designa Witzel – se marca em diversos níveis na cidade do Rio. A placa no telhado de uma escola situada no complexo da Maré materializa o terror instaurado pelo Estado à população periférica (figura 1).

Figura 1: “Escola. Não atire”

<sup>6</sup> Fora a defesa pela repressão policial, o presidente não incentivou o isolamento social recomendado pela OMS durante da pandemia da covid-19, ao contrário, “se limitou a atacar a China, insistir com um medicamento sem eficácia, demitir ministros, além, claro, de debochar diariamente a cada milhar de morte que o país registrava” (BELLANDI, 2020).

<sup>7</sup> Cf. a reportagem de Vasconcelos e Cruz (2020) a respeito de violência contra protesto antifascista realizado em maio na cidade de São Paulo. Na reportagem, os autores mostram a fala do governador João Doria avaliando que a ação da PM de retirar manifestante com o taco de beisebol foi correta.



Fonte: Catraca Livre (2019).

A advertência foi instalada no telhado da escola por uma Organização não governamental após a intervenção da polícia civil no complexo da Maré em maio de 2019, que, por rajadas de bala deflagradas de um helicóptero da instituição, resultou na morte de oito moradores, inocentes em sua maioria.

Na operação realizada em 4 de maio de 2020, observamos a instauração do pânico a essa população e os traumas causados por essa política mortífera, materializado nos dizeres de uma criança dessa mesma comunidade (figura 2).

Figura 2: “Não gosto de helicóptero”



**Fonte:** Tribuna de Jundiá (2019).

A imagem, na figura 2, é parte de uma coletânea de trabalhos realizados por outra ONG, Redes da Maré, a fim de contribuir para a re-significação das atuações da polícia sobre uma população já desfavorecida, expondo ainda mais a violência e o descaso do Estado acerca de suas vidas. O que (ou quem) deveria acolher, fere e mata discriminadamente, já que o braço repressor do poder público não atua da mesma forma nas diferentes regiões da cidade; a violência brutal ocorre, na maioria das vezes, em regiões de periferia.

Segundo Orlandi (2011, p. 38), “um Estado autoritário produz e administra relações sociais autoritárias [...] Em qualquer regime político, nunca estamos suficientemente longe dele e de seus efeitos”. Embora a violência brutal esteja, majoritariamente, presente nas favelas, onde historicamente há ausência do poder público face às necessidades primárias de seus moradores, o autoritarismo que rege, e fere, a população brasileira, e em especial a do Rio de Janeiro, afeta toda a sociedade em seus diferentes níveis, produzindo efeitos devastadores por todo o país.

Essa política de morte – na qual vítimas são contadas como números – pode ser percebida, ainda, na forma mais velada de descaso do poder público, a falta de acesso à educação, à moradia e à saúde. Em uma crise sanitária que assola o mundo, o Brasil conta seus mortos, parentes enterram seus familiares às pressas, vítimas de COVID-19, em valas coletivas e sem direito a velório – ritual que no país como em grande parte da cultura ocidental faz parte do processo de luto – como no caso de Manaus, no Amazonas, cemitérios trabalham 24h por dia para aliviar os necrotérios<sup>8</sup>; diante do caos e da dor de um país, o então presidente da República, Jair Bolsonaro, se coloca contra as medidas de contenção da pandemia no país – o distanciamento ou até mesmo o isolamento social – a favor de uma economia que privilegia os mais ricos e subjuga os mais pobres. Sua fala a repórteres em uma rápida entrevista quando indagado sobre essa situação de calamidade é marcada por um desdém de quem se julga apto a decidir a camada da população que pode (ou deve) viver, ou doutra sorte, morrer (figura 3), a depender dos propósitos neoliberais nos quais se pauta o seu governo.

Figura 3: “Não sou coveiro!”

---

<sup>8</sup> Cf. a reportagem “Com 140 enterros em 24 horas, Manaus bate recorde de registros desde início de pandemia” publicada no *website* G1 AM (2020).

## "Eu não sou covheiro", diz Bolsonaro sobre número de mortes por covid-19



475

**Fonte:** UOL (2020).

O descaso do líder político do nosso país, em sua maior esfera (federal), aos efeitos devastadores causados pela Covid-19, assim como aos familiares das vítimas do vírus letal é também observado em diversas falas do então Presidente em que designa tais efeitos como “gripezinha”<sup>9</sup>. A naturalidade com que se discute sobre vida e morte em meio à pandemia causada pelo Novo Coronavírus está afinada ao binômio investimento política de investimento/lucro, materializada no discurso do até então Ministro da Saúde, Nelson Teich (médico) em que afirma que num hospital o investimento é preferencialmente dado à vida de um jovem em detrimento de um idoso, dadas as suas possibilidades de retorno (lê-se lucro) à sociedade pela sua força física<sup>10</sup>. Para além, a sua insistência em não usar máscara e evitar aglomerações, algumas das orientações da OMS, também provocaram no país uma onda de desinformação que possivelmente contribuiu para que mais pessoas se infectassem com o vírus, visto que grande parte da população brasileira ainda é analfabeta ou analfabeta funcional. Para esses, com uma possibilidade de pensamento crítico e reflexivo mais reduzido, as orientações do seu chefe de Estado não são questionadas, ainda que contrárias às indicações mundiais face à pandemia.

Segundo a concepção de ideologia sob o viés materialista, como proposta por Althusser (1970) e retomada por Pêcheux (1975), a ideologia tem uma existência material e, a partir dos aparelhos do Estado, opera como estruturas com uma função prático-social de prescrever

<sup>9</sup> Cf. a reportagem “Em meio à pandemia de coronavírus, Bolsonaro diz que 'gripezinha' não vai derrubá-lo” (CAMAROTTI, 2020).

<sup>10</sup> Cf. a reportagem “Qual vai ser sua escolha?”, diz Teich sobre investir em idoso ou jovem” do *website* Correio Braziliense (2020).

“práticas materiais reguladas por um ritual material, práticas estas que existem nos atos materiais de um sujeito” (ALTHUSSER, 1970, p. 65).

No Brasil, a crise sanitária expôs a desigualdade social que assola o país, e escancara uma necropolítica que perpassa todas as esferas de uma sociedade calcada nos princípios neoliberais. Sob esses princípios, viver ou morrer não é questão de tempo, é questão de escolha do poder público sobre o seu povo. Assim, as reflexões e análises aqui empreendidas nos permitiram, ainda, algumas considerações.

## 4 CONCLUSÕES

Os bons votos e expectativas acerca do novo milênio, e em especial do ano de 2020, de um modo geral não proliferaram as boas práticas. A pandemia provocada pelo Coronavírus nesse mesmo ano escancarou uma crua realidade: embora todos soframos com as incertezas geradas pela crise sanitária, a uns lhes é dado o direito a lutar; a outros, por sua vez, cabe-lhes a força para resistir.

As contribuições de Mbembe (2018) nos permitiram tecer uma reflexão acerca da lógica de produção e reprodução capitalista e, em particular, do neoliberalismo como a chave da contemporaneidade como uma reconfiguração da razão biopolítica do capitalismo.

Os dizeres sobre a contemporaneidade são, frequentemente, significados por determinadas especificidades, quer no tocante ao sujeito – supostamente fluido – quer no que concerne ao discurso – muitas vezes esvaziado pela velocidade das informações dispostas *online* em diferentes suportes da internet, como blog, redes sociais, jornais e revistas dentre outras. Dizeres esses que proporcionam uma naturalização de determinados discursos e práticas que, a nosso pensar, ressoam no seio social sob um efeito de evidência dos sentidos.

No Brasil, o aumento significativo de violência do Estado em territórios periféricos é uma marca da atuação do necropoder no país, que se evidencia, em especial nos grandes centros urbanos como o eixo Rio-São Paulo. Com uma população em sua maioria negra, a dinâmica violenta de agentes de Estado nas favelas e periferias nesses eixos urbanos atinge, inclusive, jovens e crianças que são vitimadas por ações policiais. Dessa forma, regulariza-se uma memória, articulada por meio já-ditos historicamente estabilizados e legitimada pelo Estado, sobre quem deve (e pode) viver – ou morrer – na esfera social.

O ensaio de Mbembe (2018) acerca da necropolítica nos desvela facetas dessa política de abate, em seus diferentes níveis, e nos permite desnaturalizar os dizeres, e os sentidos, que

soam até mesmo como evidentes a alguns, e que legitimam essas práticas macabras que dominam e assolam o país e o seu povo face uma ideologia de classes.

O discurso “sobre” (entende-se acerca de determinado objeto, temática) nos remete a um distanciamento do objeto e, sobretudo, a uma memória do dizer que atravessa o discurso, via já-ditos que reverberam no seio social, deixando as suas marcas na língua, e os seus efeitos nas práticas sociais. Ao falar sobre a pandemia e, em especial, aos danos causados pela Covid-19 à população brasileira, o presidente Bolsonaro se marca face à ideologia neoliberal vigente que, aliada à sua personalidade perversa, tornam-se uma arma potente para essa política higienista que condena à morte seletivamente; regada a velhas práticas de hierarquização e assolamento inerentes às lutas de classe.

A partir do nosso gesto de análise, podemos melhor compreender o modo de funcionamento da ideologia dominante, capitalista, que não apenas promove a exclusão de uma parcela da sociedade, como também nega a estes o direito à dignidade e, sobretudo à vida.

Como forma de encorajamento à população brasileira, o *slogan* “Vai passar!” foi posto em circulação no seio social, quer nas redes sociais (como *Instagram, Facebook, WhatsApp*) quer em outdoors e diferentes formas de propagandas. Encorajados aqui por essa certeza, retomamos aqui a nossa epígrafe: “Amanhã há de ser outro dia”, trazendo à memória a música cantada por Chico Buarque, *Apesar de você*. Nessa perspectiva, as considerações que aqui se seguiram nos permitiram tecer um movimento de resistência a essas práticas – discursivas e sociais – em luta por um país mais justo, mais generoso e mais humano.

## **NECROPOLITICS, MEMORY AND POWER: FACES OF A POLICY OF OPPRESSION UNDER A DISCURSIVE LOOK**

### **ABSTRACT**

Affiliated to the French Discourse Analysis (AD-Pêcheux), we seek, in this work, a reflection in order to better understand the functioning of ideology in the regularization of such institutional practices, taken here as striking features of necropower in the social core. For that, we take Achille Mbembe's studies on Necropolitics, as well as the assumptions to the theoretical-analytical assumptions of AD, especially with regard to the notions of discourse and subject, ideology and memory. A macabre policy that seeks to overthrow the enemies of the State that comes from colonial imperialism and endures to the present day, in its different facets. In this perspective, Mbembe is useful for understanding how the boundaries between martyrdom and freedom; sacrifice and resistance are illusory in view of the rationality of these “mechanisms” of (and for) death. These contributions allowed us to reflect on the logic of capitalist production and reproduction and, in particular, of neoliberalism as the key to contemporary times as a reconfiguration of capitalism's biopolitical reason. In this way, from our analysis gesture, we can better understand how the dominant, capitalist ideology works, which not only promotes the exclusion of a part of society, but also denies them the right to dignity and, above all, to life.

**Keywords:** Necropolitics; Memory; Power; Oppression; Discourse analysis.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1970.

BELLANDI, C. Na pandemia, Bolsonaro é mais letal que a Covid-19. **Lado B do Rio**, 25 jun. 2020. Disponível em: <https://ladobdorio.com.br/destaques/caiobellandi/na-pandemia-bolsonaro-e-mais-letal-que-a-covid-19/> Acesso em: 09 ago. 2020.

BUARQUE, C. **Apesar de você**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=33-bMTOlvx0> Acesso em: 20 jul. 2020.

CAMAROTTI, Gerson. Em meio à pandemia de coronavírus, Bolsonaro diz que 'gripezinha' não vai derrubá-lo. **G1 Política**, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/gerson-camarotti/post/2020/03/20/em-meio-a-pandemia-de-coronavirus-bolsonaro-diz-que-gripezinha-nao-vai-derruba-lo.ghtml> Acesso em: 20 jul. 2020.

CATRACA LIVRE. 'Escola. Não atire', diz placa no telhado de projeto na Maré. 11 maio 2019. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/escola-nao-atire-diz-placa-no-telhado-de-projeto-na-mare/> Acesso em: 25 maio 2020.

CORREIO BRAZILIENSE. **'Qual vai ser sua escolha?'**, diz Teich sobre investir em idoso ou jovem. 16 abr. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/04/16/interna-brasil,845396/qual-vai-ser-sua-escolha-diz-teich-sobre-investir-em-idoso-ou-jove.shtml> Acesso em: 20 jul. 2020.

DARÓZ, E. **Do silêncio ao eco: uma análise dos dizeres sobre a língua inglesa e o seu ensino que ressoam no discurso do aluno**. Orientadora: Silmara Cristina Dela Silva. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: [https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/7205/1/TESE\\_vers%C3%A3o%20final\\_Elaine%20Daroz.pdf](https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/7205/1/TESE_vers%C3%A3o%20final_Elaine%20Daroz.pdf) Acesso em: 20 jul. 2020.

G1 AM. **Com 140 enterros em 24 horas, Manaus bate recorde de registros desde início de pandemia**. 27 abr. 2020. <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/27/com-140-enterros-em-24-horas-manau-bate-recorde-de-registros-desde-inicio-de-pandemia- apenas-10-casos-sao-confirmados-de-covid-19.ghtml> Acesso em: 30 jun. 2020.

G1 Rio. **Do fenômeno eleitoral ao afastamento do cargo**; a trajetória de Wilson Witzel no governo do RJ. 28 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/28/do-fenomeno-eleitoral-ao-afastamento-do-cargo-a-trajetoria-de-wilson-witzel-no-governo-do-rj.ghtml> Acesso em: 30 ago. 2020.

GUIMÓN, P. Black Lives Matter, o rumo incerto do grande movimento antirracista. **El país - Internacional**, 07 set. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-09-07/black-lives-matter-o-rumo-incerto-do-grande-movimento-antirracista.html> Acesso em: 08

set. 2020.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

ORLANDI, E. P. Diluição e indistinção de sentidos: uma política da palavra e suas consequências sujeito/história e indivíduo/sociedade. *In*: INDURSKY, F. MITIMAN, S. LEANDRO FERREIRA, M. C. (org). **Memória e história na/da Análise do discurso**. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988 [1975].

PÊCHEUX, M. Spécificité d'une discipline d'interpretation. *Buscila*, n. 1, p. 56-58. Especificidade de uma disciplina de interpretação. *In*: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (org.). **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2011 [1984].

TRIBUNA DE JUNDIAÍ. **Criança de comunidade diz que não gosta de helicóptero “porque ele atira e as pessoas morrem”**. 16 ago. 2019. Disponível em: <https://tribunadejundiai.com.br/mais/brasil/crianca-de-comunidade-diz-que-nao-gosta-de-helicoptero-porque-ele-atira-e-as-pessoas-morrem/> Acesso em: 25 maio 2020.

UOL. **"Eu não sou coveiro"**, diz Bolsonaro sobre número de mortes por covid-19. 20 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/20/eu-nao-sou-coveiro-diz-bolsonaro-sobre-numero-de-mortes-por-covid-19.htm> Acesso em: 27 jul. 2020.

VASCONCELOS, C.; CRUZ, M. T. Violência contra protesto antifascista mostra de que lado a PM está. **Ponte**, 02 jun. 2020. Disponível em: <https://ponte.org/violencia-contra-protesto-antifascista-mostra-de-que-lado-a-pm-esta/> Acesso em: 06 ago. 2020.

Recebido em 09 de setembro de 2020. Aprovado em 14 de outubro de 2020.

A **Revista Educação, Cultura e Sociedade** é uma publicação da Universidade do Estado do Mato Grosso, Brasil, iniciada em 2011.